

FELGUEIRAS (Airões)

Airões é uma freguesia do concelho de Felgueiras, distrito do Porto. A igreja de Santa Maria dista cerca de 8 km da sede de concelho. Sair de Felgueiras pela estrada N207, seguir pela avenida General Sarmento Pimentel e na rotunda tomar a terceira saída para a estrada N101. Virar à direita para a estrada EM564 e seguir durante cerca de 2,5 km. Virar à direita para a rua do Bacelo e depois à esquerda para o CM1191, manter-se à esquerda e seguir as indicações da igreja, virar à direita e a igreja encontra-se cerca de 50 m à frente.

A localização da igreja de Santa Maria é rural e isolada, rodeada por campos agrícolas e algumas habitações rurais.

O território de Felgueiras revelou uma importante centralidade desde o período romano, sendo cruzado por vias romanas aproveitadas posteriormente para a circulação medieval. Do período romano têm sido encontrados diversos vestígios materiais.

Felgueiras pertenceu à arquidiocese de Braga até 1882, quando se procedeu à divisão eclesiástica das dioceses, passando depois a integrar a diocese do Porto. Sublinhe-se em Felgueiras a proximidade de testemunhos arquitetónicos atribuídos à época românica: Santa Maria de Airões, São Vicente de Sousa, São Mamede de Vila Verde, Pombeiro, Unhão, Borba de Godim e Caramos.

Igreja de Santa Maria

A IGREJA DE SANTA MARIA DE AIRÃES está documentada desde 1091, o que nos remete para a existência de um anterior cenóbio, *monasterio Arianes*, iniciativa da aristocracia local e de caráter familiar. Esta referência ao mosteiro de Airões ainda se mantinha no século XVI e ainda hoje o lugar onde se encontra a igreja se chama *do Mosteiro*. O corpo central do edifício que vemos atualmente, e que mantém os elementos românicos originais, terá sido edificado em finais do século XIII ou inícios do século XIV.

Mário Barroca cita uma inscrição registada por Craesbeeck em 1726, e hoje desaparecida, segundo o qual se poderia ler

E(ra) M CC XX II VII / ID(us)

Esta inscrição já estaria incompleta em 1726, não sendo possível identificar a natureza do acontecimento que celebrava. A inscrição gravada numa pedra do púlpito, e datada de 1184, terá desaparecido aquando das obras de 1776, que transformaram a igreja de origem medieval, de nave única, num templo de três naves.

Nas Inquirições de 1220, a igreja de Airões surge no termo de Felgueiras e é designada como *ecclesia de Araes*. O abade Martim Pais e outros inquiridos afirmavam que o rei não era o patrono da igreja e que detinha na freguesia

alguns reguengos, a quem pagavam os direitos devidos. Pedro Peres, abade do mosteiro de Airões está presente à doação que Fernando Eanes faz ao bispo e cabido do Porto do padroado da igreja de São Vicente de Pereira, em 1242.

Em 1258, é declarado que a igreja de Santa Maria de Araes é da apresentação do arcebispado de Braga e é do padroado de diversos nobres. Havia na freguesia 24 casais, sendo 15 da igreja e os restantes de senhores locais e de mosteiros da região. Nas Inquirições de 1288 é declarado que toda a freguesia é honra da igreja e que aí não entrava o mordomo régio. Porém, nas sentenças de 1290 é ordenado que toda a freguesia seja devassa e é mandado que entre aí o mordomo do rei.

O mosteiro de Airões é referido num documento de 1302, copiado no Censual do Cabido do Porto, segundo o qual D. Berengária Aires faz uma avultada doação de padroados de igrejas e mosteiros ao bispo do Porto, D. Geraldo.

Em 1320, no Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis com vista a arrecadar fundos para financiar a Cruzada, a igreja de *Santa Maria de Arãaes* pertencia à Terra de Sousa, no arcebispado de Braga, e fora taxada em 200 libras.



Perspetiva geral da igreja. Alçados oeste e norte

Em 1302, D. Berengária Aires, descendente dos fundadores do cenóbio de Santa Maria de Airães, doara a igreja a D. Geraldo Domingues, bispo do Porto. Em 1394, Santa Maria de Airães era já padroado da Coroa e fora vinculada à Ordem de Avis por D. João I. Em 1517, foi convertida em comenda nova da Ordem de Cristo.

Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, redigido em 1563 pelo cronista da Ordem Pedro Álvares Seco, a igreja de Santa Maria de Airães era uma das comendas novas das 50 do padroado régio, e o seu comendador era D. António de Lima. João de Barros, em meados do século XVI, reitera que o mosteiro de "Airais" era comenda da Ordem de Cristo, já não tinha frades e localizava-se, então, no concelho de Unhão.

Segundo a *Corografia Portuguesa* do Padre Carvalho da Costa, de 1706, Santa Maria de Airães localizava-se no concelho de Felgueiras, era comenda da Ordem de Cristo e reitoria da Mitra.

Em 1726, Craesbeck assinalava que junto da igreja existiam as residências dos reitores e dos comendadores. Nas Memórias Paroquiais de 1758, é afirmado que a igreja,

da invocação de Nossa Senhora da Assunção, tinha cinco altares e era uma reitoria da apresentação do rei. Tinha uma torre com dois sinos, do lado norte, encostada à capela-mor da igreja. O relator esclarece que a igreja paroquial "tem o nome de Mosteiro antiquíssimo tem a porta principal para o puelle e tem duas naves huma para a parte do sul outra para a parte do norte e cada huma delas tem sua porta para o puelle, e tem duas portas huma para o norte outra para o sul a capela mor he feita de abobeda por cima do tetu tem hum retabolo dourado e sacrario".

Em 1834, na sequência da extinção das Ordens Religiosas, Santa Maria de Airães foi convertida em igreja paroquial.

A igreja de Santa Maria de Airães compõe-se hoje de três naves com abside dotada de planta retangular, com abóbada de berço quebrado, sustentada por um arco toral que define dois tramos. A igreja está orientada. Convém, contudo, sublinhar, que na época românica a igreja tinha apenas uma nave, retangular. Foi durante o século XVIII que a igreja se viu acrescentada das naves laterais, tendo-se então reaproveitado aparelho da nave nesta obra setecentista

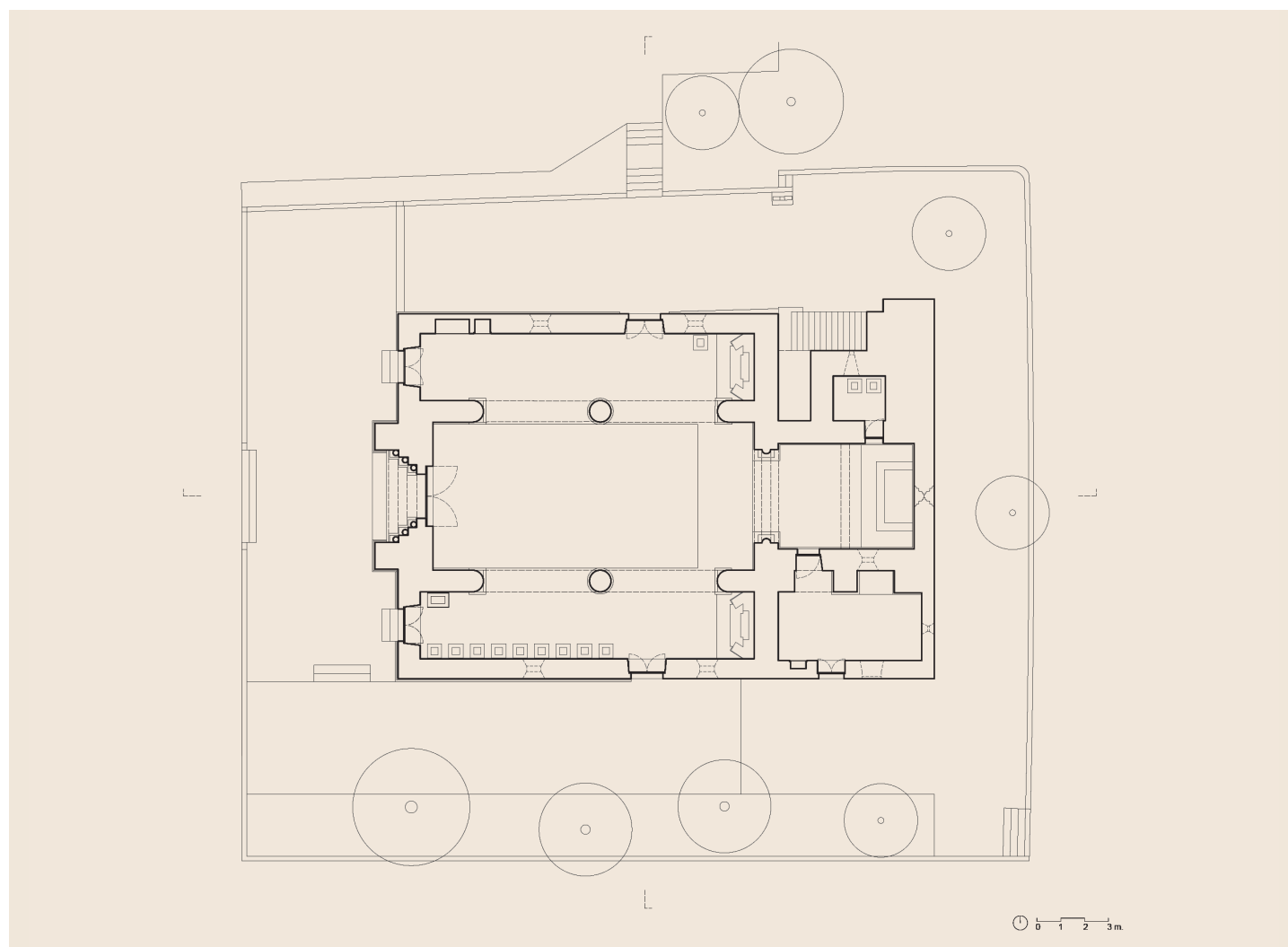
pois ainda são visíveis diversas marcas de canteiro ao longo dos paramentos exteriores. Poderemos compreender este aproveitamento dos silhares da época românica que, configurando um aparelho pseudo-isódomo, se apresentam bem esquadriados. Apoiando-se em robustas colunas, arcos formeiros ligeiramente abatidos delimitam os três tramos de cada uma das naves e sustentam uma cobertura em madeira.

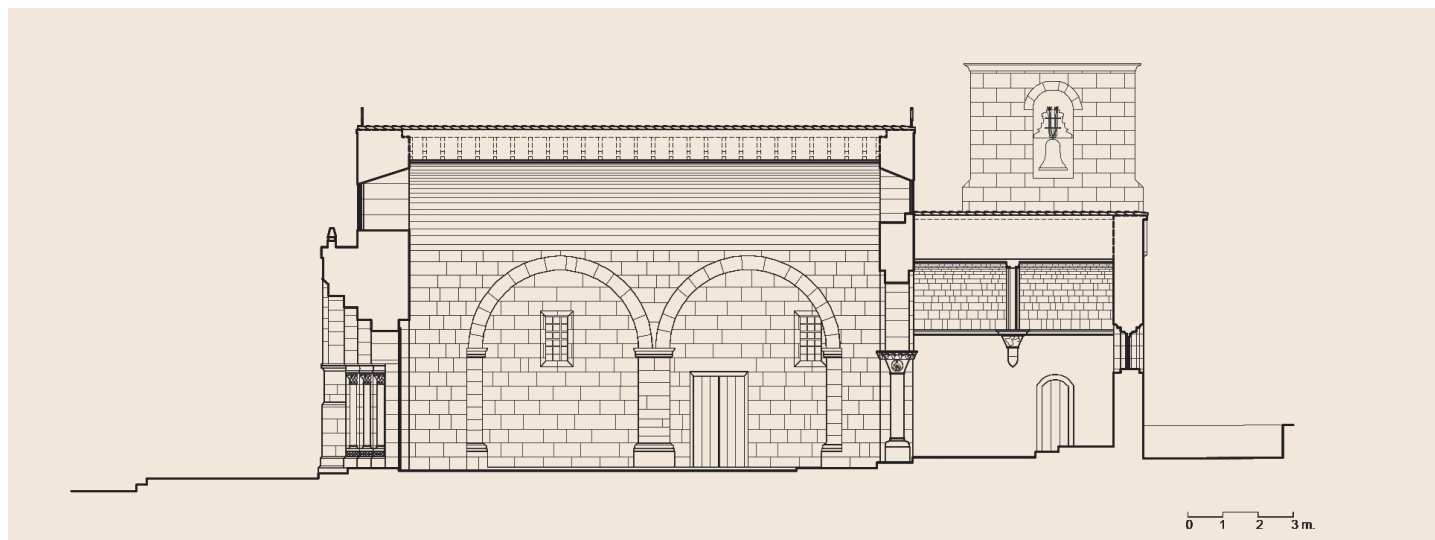
Maria Leonor Botelho procurou compreender as causas desta ampliação da igreja. Segundo a autora, a igreja de Santa Maria de Airães conheceu um período de afirmação e de prosperidade económica (que se refletiu também ele no enriquecimento do seu mobiliário litúrgico) durante a época moderna. Também colocou a hipótese de se ter sentido uma necessidade real (e material) de uma igreja mais ampla. Sendo esta igreja Comenda da Ordem de Cristo, do padroado régio, terá gozado de uma certa estabilidade e prosperidade económica que permitiram a concretização de tal ampliação.

Esta igreja apresenta assim volumes diferenciados pois as naves laterais sobem quase à altura da nave principal. Nesta, temos cobertura de duas águas e nas outras, de uma só. A cabeceira também se apresenta mais baixa e mais estreita que a nave, mas denuncia uma elevação já comum a uma cronologia mais próxima do gótico do que do românico. A norte, adossa-se a esta última uma robusta torre sineira de granito. Apesar de desconhecermos a sua cronologia de edificação, o tipo de aparelho utilizado, o acesso por escada de pedraria ao primeiro piso, os arcos de volta perfeita que configuram a porta de acesso e as ventanas das sineiras convocam o período medieval. Contudo, a inexistência de elementos decorativos não nos permite propor uma cronologia mais precisa. Lúcia Rosas considerou-a já gótica atendendo à solução adotada nos vãos da entrada e de iluminação.

Do outro lado da cabeceira, a sul, adossa-se o corpo da sacristia, retangular, e que prolonga o alinhamento da

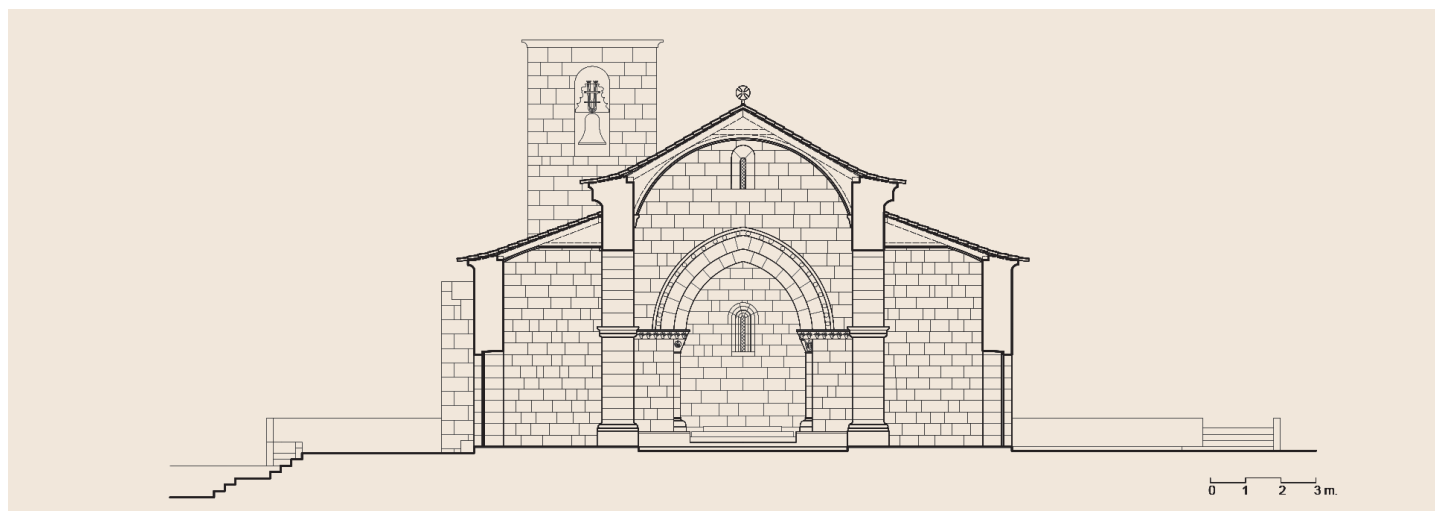
Planta



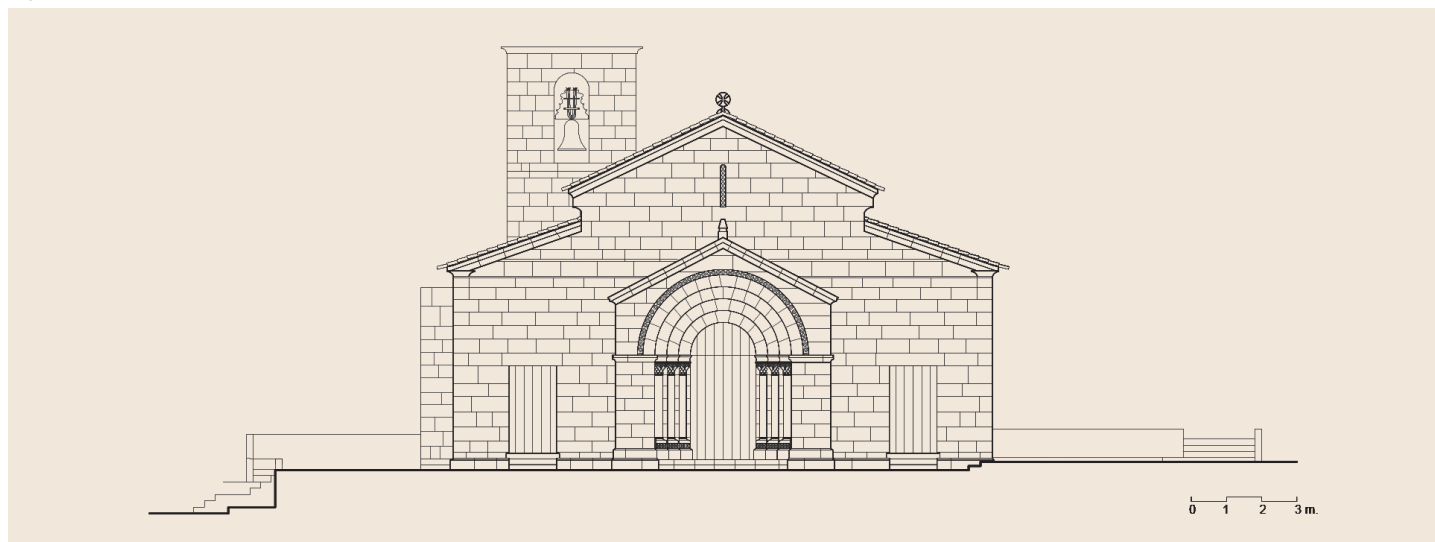


Corte longitudinal

Corte transversal



Alçado oeste





Perspetiva geral da igreja. Alçado este

nave lateral, mas que é mais baixa que a cabeceira, permitindo assim ver a sua cachorrada. Trata-se de uma construção que, apesar de seguramente coeva da obra de ampliação da igreja, se diferencia pelo tipo de aparelho, mais rude utilizado na sua edificação. Tem cobertura de uma só água.

A cabeceira de Santa Maria de Airães conserva ainda a sua fábrica românica. A sua parede testeira apresenta uma fresta com alargamento para o interior da igreja. Nos seus alçados persiste uma cornija sobre arquinhos. Trata-se de um dos elementos característicos do românico desta região e, logo, do românico dito *nacionalizado*. Este motivo, que muitos autores designaram como *teoria de arquinhos*, surge-nos também na igreja do mosteiro de São Salvador de Pombeiro e São Vicente de Sousa, para só citar os

exemplares do concelho de Felgueiras. Manuel Monteiro procurou estabelecer um paralelismo entre esta tipologia de pequenos arcos característico da região do Vale do Sousa com o românico de Coimbra, particularmente com a cornija sustentada com pequenos arquinhos da fachada da Sé Velha, entre o portal e o janelão do seu corpo avançado. Estes corpos avançados das fachadas principais vão definir um tipo muito próprio da fachada românica coimbrã e que conheceu um acolhimento particular nesta mesma região.

Nos alçados laterais devemos destacar, além do já referido reaproveitamento do aparelho românico, a contenção do seu arranjo, apenas marcado pela presença de amplos janelões retangulares e de portas de verga reta que permitem o acesso interior à igreja. Na parte superior, corre uma cornija apoiada sobre modilhões lisos, tardios. Ou



*Cornija sul da
cabeceira*



Alçado este

são coevos da edificação da nave, sendo a sua configuração justificada pela sua cronologia tardia ou, então, são já datáveis da intervenção de ampliação da igreja, tendo-se procurado nessa intervenção recriar um "aspeto" românico.

A fachada oeste está, pois, bastante transformada. A ampliação da igreja no século XVIII acrescentou-lhe dois volumes, as naves laterais. A diferenciação de volumes é aqui perceptível. Assim, hoje, a fachada principal acusa de forma evidente as três naves do seu interior através da diferenciação de alturas. Além da diferença ao nível da altura, identifica-se claramente uma cicatriz que denuncia esta ampliação da igreja. Ambas as naves foram dotadas de uma porta de verga reta que permite o acesso ao interior. Contudo, a ampliação respeitou o corpo central da igreja, correspondente à nave única românica. Este é marcado pela presença de um corpo central que, rematado sob a forma de empena (e assumindo assim a forma de um pentágono) é apoiado sobre sapatas salientes, ao modo de contrafortes. Definindo um corpo avançado, abriga assim um profundo portal de quatro arquivoltas. As três internas assentam sobre colunas de fuste liso, sendo as primeiras de tambor circular e a exterior facetada. Apoiam-se sobre bases bolbiformes com garras e têm plinto ornamentado com um friso baixo-relevado ostentando motivos geométricos, seguindo modelos típicos desta região. A quarta arquivolta assenta já diretamente sobre os pés-direitos do muro. A moldura da arquivolta exterior é constituída por um rico entrelaçado de círculos duplos que poderá ser um vestígio de persistências pré-românicas na região. Uma imposta de ressalto, delimita os dois registos do portal.

O arranjo do portal é idêntico a outros da região de Felgueiras, nomeadamente São Vicente de Sousa ou São Salvador de Unhão. As três arquivoltas internas apoiam-se sobre colunas ornadas com capitéis de fina execução dentro da técnica da região, surgindo os motivos de natureza vegetalista presos ao cesto que é, comparativamente ao dos capitéis da capela-mor, mais elegante na forma, e anunciando já o gótico ao nível da solução adotada. O seu cesto é arredondado e a decoração mais evoluída ao nível da composição. Destaque-se, no entanto, o primeiro capitel do lado direito, que surge com o cesto liso, mas rematado na aresta com uma pequena cara.

O carater vertical do conjunto é enfatizado por uma estreita fresta rasgada entre a empena do corpo avançado e a empena da própria nave que, por sua vez, é rematada por uma cruz terminal patada.

Atendendo à profunda transformação sofrida no corpo da igreja durante a época moderna é, pois, aí que encontramos aquilo que remanesce da fábrica românica. Como referimos já, a abside é formada por dois tramos delimitados



Cabeceira. Alçado este. Fresta

por um arco toral que sustenta a abóbada e que, além de já ser quebrado, é ornado por uma moldura já própria do período gótico, atestando o carácter tardio do românico de Airães. O granito aparente ainda é visível na abóbada e na parede fundeira da abside, na qual se rasga uma estreita fresta com alargamento para o interior da igreja provocado por ressaltos escalonados. De nomear, ainda, a presença de outras duas frestas, no lado da Epístola, criando uma luminosidade ténue, característica da arquitetura românica.

Os exemplares escultóricos da cabeceira são dignos de destaque. Os capitéis que sustentam o arco toral apoiam-se sobre colunas embebidas no paramento do muro. Assim, do lado do Evangelho, ou seja, do lado esquerdo de quem está voltado para o altar-mor, encontramos um dos raros exemplares de capitéis figurativos do românico do Vale do Sousa. Numa temática evoluída, que Lúcia Cardoso Rosas considera já própria da época gótica, surgem representados dois anjos ajoelhados e segurando na mão um candelabro. Apesar da cronologia avançada do tema, a representação encontra-se ainda muito apegada à



Alçado oeste. Portal

forma do capitel, característica tão evidente da escultura românica, acusando um relevo mais baixo que volumétrico (também uma característica da ornamentação escultórica do Vale do Sousa). Além disso devemos notar o carácter algo fruste e ingénuo da representação, particularmente visível no tratamento dado aos paramentos dos anjos, cujos pregueados acusam uma geometria que está ainda afastada do naturalismo que irá caracterizar as representações góticas. Também não podemos deixar de mencionar a adaptação da escultura ao suporte que lhe dá corpo, criando assim uma real simbiose. Do lado oposto, no da Epístola,

o capitel que sustenta o arco toral apresenta uma temática já de cariz vegetalista, todavia com uma volumetria que se distancia um pouco, pelo seu carácter mais modelado e mais túrgido, daquela que encontramos nos dois capitéis que sustentam o arco triunfal. É precisamente aqui que vamos encontrar, de uma forma mais evidente, a plasticidade característica desta região, cujo talhe a bisel cria um modelado mais plano e mais definido no seu desenho dos motivos vegetalistas que ornarn estes capitéis.

Os capitéis que sustentam o arco toral da cabeceira e os do arco triunfal apresentam-se em granito aparente que



*Pormenor dos capitéis do
portal ocidental*

contrasta, de forma notória, com o revestimento azulejar tipo-tapete seiscentista que cobriu os alçados laterais da abside e o intradorso da arquivolta do arco triunfal. Este conjunto de azulejos em tons de azul e amarelo sobre fundo branco cria um efeito de contraste profundo com o granito do interior da igreja. No extradorso do arco triunfal, ou seja, no lado voltado à nave vemos duas arquivoltas formadas por aduelas bem facetadas. A interna apoia-se sobre as colunas, cujos capitéis acabamos de descrever. A segunda assenta já sobre os pés direitos do muro e um arco envolvente, ornado com toro no exterior e pequenas

esferas no interior, remata o conjunto. Em ambos os lados persiste uma imposta com palmetas estilizadas.

As naves são iluminadas por amplos janelões retangulares, dois de cada lado, que respondem aos preceitos litúrgicos da época barroca, época da ampliação da igreja, e que queria luz a jorros no interior do espaço litúrgico. A presença de retábulos nas naves e de diversas peças de imaginária expostas em plintos confirmam a capacidade de encomenda em torno da igreja de Santa Maria de Airães durante a época moderna, período particularmente interventivo no espaço litúrgico, quer ao nível da sua estrutura,



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

através da ampliação da igreja, quer ao nível da introdução de todo um conjunto de equipamentos que adequaram o espaço sacro aos preceitos da nova religiosidade pós-tridentina.

A atual igreja de Santa Maria de Airães terá sido erigida no lugar de uma anterior, documentada desde 1091. Durante a época românica, e já numa cronologia avançada, ter-se-á edificado uma igreja de uma só nave e que adotou soluções características da região do Vale do Sousa, de que se destaca a cornija sobre arquinhos da cabeceira e o arranjo do portal oeste, inscrito em corpo avançado, bem como o talhe biselado dos elementos escultóricos, sejam capitéis, sejam impostas. De notar a presença de um dos poucos capitéis historiados no interior da abside da igreja. As soluções plásticas e estruturais presentes neste edifício, que se conhece atualmente, datam de finais do século XIII, ou início da centúria seguinte, o que remete para uma longa permanência do românico no Vale do Sousa e que coabita com aspetos góticos. Devemos, pois, destacar o carácter tardio da fábrica românica da igreja de Airães no

contexto da cronologia do românico nacional. Além disso, é de sublinhar a longa aceitação que este estilo foi tendo entre nós, convivendo em simultâneo com o despontar dos espíritos para o gótico, outro estilo de carácter internacional, mas face ao qual o território português mostrou fortes resistências, especialmente nas zonas mais periféricas e onde o modo de edificar românico conheceu raízes mais profundas.

Da época românica conserva-se hoje a cabeceira e o corpo central da fachada oeste. A igreja foi profundamente ampliada na época moderna, que lhe acrescentou duas naves laterais, aproveitando os silhares do edifício primitivo. A igreja de Santa Maria de Airães foi decretada Monumento Nacional em 1977 e, desde 1998, faz parte da Rota do Românico. Entre 2004 e 2007 foram efetuadas obras de conservação no âmbito do projeto da Rota do Românico do Vale do Sousa.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MLB/MF
Planos: GM/MF/MS (sobre RR/LC/MM)

*Interior. Capitéis
do arco triunfal*



*Interior. Capitéis do
arco toral da cabeceira*



Bibliografia

BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 175 (de 1184); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 198 (de 1184); BARROS, J., 2019, pp. 223 e 317; BOISSELLIER, S., 2012, p. 148; BOTELHO, M.L., 2010d, pp. 27-53; BOTELHO, M.L. e ROSAS, L.M.C., 2015, pp. 47-61; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, pp. 239-240 e 333; COSTA, A.C., 1706-12, p. 123; CRAESBEECK, F.X.S.,

1992, II, p. 11; DIAS, G.J.C., 2011, pp. 77-79; GEPIB, 1935-60, I, p. 681; LENCART, J., 2018 p. 465; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 228-229; PMH, DC, doc. n.º 746 (de 1091); PMH, INQ., pp. 73, 166, 209, (de 1220) e p. 553 (de 1258); PMH, INQ., 1288-91, p. 94; ROSAS, L.M.C., 2008, pp. 85-96; ROTA DO ROMÂNICO; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 2015b, pp. 22-38.

